



ANDRÉ LOURENÇO DE ALMEIDA

**CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA SOCIAL ACERCA DA
MONOGAMIA COMPULSÓRIA**

BELO HORIZONTE
2021

ANDRÉ LOURENÇO DE ALMEIDA

**CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA SOCIAL ACERCA DA
MONOGAMIA COMPULSÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Pitágoras de Venda Nova, como requisito parcial para a obtenção do título de graduado em Psicologia.

Orientador: Leonardo Paiva Martins de Oliveira

ANDRÉ LOURENÇO DE ALMEIDA

**CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA SOCIAL ACERCA DA
MONOGAMIA COM PULSÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Pitágoras de Venda Nova, como requisito parcial para a obtenção do título de graduado em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA

Prof(a). Ms. Andréia Aparecida de Cássia Silva
Bernardes

Prof(a). Ms. Leonardo Paiva Martins de Oliveira

Belo Horizonte, 10 de Junho de 2021

“Estamos condenados a ser livres”

Jean-Paul Sartre

ALMEIDA, André Lourenço. **As contribuições da Psicologia Social Acerca da Monogamia Compulsória**. 2021. 29 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Faculdade Pitágoras, Belo Horizonte, 2021.

RESUMO

Entende-se por monogamia o ato de se relacionar afetivo e sexualmente com uma única pessoa por vez no decorrer de sua existência. Isso se dá desde o começo da sociedade privada, onde os homens por medo de deixar as suas terras para o filho de outro homem, passou a exigir exclusividade em seu relacionamento com a mulher. A proposta do presente trabalho é compreender se a monogamia compulsória é algo inato aos seres humanos ou algo construído no decorrer dos anos, e como a Psicologia Social pode contribuir para responder essa problemática. Através de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, baseada em uma revisão bibliográfica de autores Psicólogos, Biólogos e Antropólogos que falam com propriedade sobre o tema, é possível compreender quais motivos que fazem as pessoas de relacionarem nesse modelo monogâmico, patriarcal e heteronormativo durante anos. Com o advento dos meios de comunicação em massa, as pessoas passaram a ter acesso às mais variadas formas de se relacionar afetivo e sexualmente com o outro, conhecendo outras configurações de relacionamentos como o Poliamor, Relacionamentos a três e Relacionamentos livres, passando a se questionarem ainda mais se a monogamia é a única configuração de relacionamento possível.

Palavras-chave: Monogamia. Psicologia Social. Poliamor. Patriarcado. Processo de Socialização.

ALMEIDA, André Lourenço. **As contribuições da Psicologia Social Acerca da Monogamia Compulsória**. 2021. 29 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Faculdade Pitágoras, Belo Horizonte, 2021.

ABSTRACT

Monogamy is understood as the act of relating affectionately and sexually to a single person at a time during its existence. This has been happening since the beginning of private society, where men, for fear of leaving their lands to another man's son, began to demand exclusivity in their relationship with women. The purpose of this paper is to understand whether compulsory monogamy is something innate to human beings or something built up over the years, and how Social Psychology can contribute to answer this problem. Through a qualitative, descriptive and exploratory research, based on a bibliographic review of authors Psychologists, Biologists and Anthropologists who speak with propriety on the subject, it is possible to understand the reasons that make people to relate in this monogamous, patriarchal and heteronormative model for years. With the advent of mass communication means, people started to have access to the most varied ways of relating affectionately and sexually with each other, knowing other configurations of relationships such as Polyamory, Relationships for three and Free relationships, starting to question themselves even more so if monogamy is the only possible relationship configuration.

Keywords: Monogamy. Social Psychology. Polyamory. Patriarchate. Socialization Process.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 13 |
| 2. A HISTÓRIA DA MONOGAMIA E DO AMOR ROMÂNTICO..... | 14 |
| 3. PSICOLOGIA SOCIAL E AS RELAÇÕES SOCIAIS, COMO APRENDEMOS? 19 | |
| 4. POLIAMOR E OUTRAS FORMAS DE AMAR | 24 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 28 |
| REFERÊNCIAS..... | 29 |

1. INTRODUÇÃO

Desde muito cedo é apresentado a nós uma série de regras que ditam como devemos nos envolver afetivo e sexualmente, através de um enredo heteronormativo, patriarcal e monogâmico que nos obrigam a seguir, para que assim possamos conviver em sociedade, em contrapartida algumas teorias da própria Psicologia tentam refutar esses comportamentos que entendemos como compulsórios.

Através de uma pesquisa qualitativa baseada em uma revisão bibliográfica de autores como Silvia Lane e Regina Navarro Lins, dentre outros que são autores renomados e que falam com propriedade sobre o tema, podemos destacar a relevância que essa discussão pode ter para a sociedade de uma forma geral, entendendo como a Psicologia pode contribuir para a desconstrução e desmistificação das mais variadas formas de vivermos a subjetividade de nossos corpos.

Quando refletimos sobre o discurso que envolve a monogamia, é interessante que se tenha em mente que a grande maioria das espécies do reino animal são poligâmicas, isto é, apenas cerca de 5% das espécies são monogâmicas, inclusive entre os mamíferos, ou seja, cerca de 5% das espécies escolhem um único parceiro para passar toda a sua existência. Tendo essas variáveis em mente, desenvolveu-se a seguinte pergunta de pesquisa: Compreende-se a monogamia como sendo algo inato ao ser humano ou algo construído socialmente?

O presente trabalho tem o objetivo de compreender a monogamia como uma construção social ou algo inato ao ser humano, refletindo sobre o senso crítico que podemos ter acerca do amor romântico e sobre a monogamia compulsória, discutindo o que é a psicologia social e como ela lida com as imposições sociais que somos submetidos desde que passamos a existir, apresentando as mais variadas formas de se viver um relacionamento afetivo/sexual.

O tipo de pesquisa a ser realizada será uma revisão de Literatura, onde serão pesquisados livros, dissertações e artigos científicos selecionados através de busca em bases de dados encontrados em sites como a Scielo. Não será definido um período específico para a pesquisa de livros e artigos, já que o tema é tratado por alguns autores desde o século passado.

2. A HISTÓRIA DA MONOGAMIA E DO AMOR ROMÂNTICO

Há milhares de anos atrás, quando ainda tínhamos nômades habitando o nosso planeta, acreditavam-se que as mulheres engravidavam por poderes divinos, algo sagrado, e por isso existia na época muito respeito por elas, como se elas fossem uma extensão da natureza. A partir do momento em que se entendeu que eram os homens que engravidavam as mulheres e não alguma divindade, os homens passaram a entender que aqueles seres que saíam de dentro das mulheres eram deles.

Antes de entendermos a nossa sociedade como é organizada hoje, existia uma configuração de família que chamávamos de Família Sindiásmica, que nada mais era que uma comunidade de pessoas que se relacionavam entre si e se tratavam como uma grande família, isso queria dizer que se as mulheres tivessem filhos, esses filhos seriam da família e não de um único homem. A partir do momento em que se entendeu a paternidade, ou seja, que o filho era de um homem em específico, passou a existir a monogamia como uma forma de ter certeza de quem eram os pais dessas crianças.

Após a revolução agrícola, o Homo Faber passou a fabricar as suas ferramentas e se instalar em um lugar fixo, deixando de ser nômade, tendo assim uma Sociedade Privada. Essa foi a primeira noção de propriedade privada que se tem, e a partir do momento que ele tem uma propriedade privada e que ele é homem, ele quer perpetuar a sua existência e a sua espécie no planeta, e a única forma de ele perpetuar a sua existência e a sua espécie no planeta, é ele transferir toda a sua propriedade para alguém que seja do seu sangue. Então podemos dizer que a origem da monogamia se dá na origem do patriarcado.

Desde os primórdios, a monogamia é exigida somente da mulher, pois é muito mais fácil saber quando o filho é da mulher, do homem não. Então os homens continuavam (e continuam) tendo relações fora daquele relacionamento monogâmico, mas as mulheres não. Então cada vez mais as mulheres tiveram que ser castradas em nome da monogamia para que elas não tivessem filhos de outros homens. Assim, a partir do século XVIII para o XIX surge o amor romântico.

Os ideais da monogamia têm como base o amor romântico, ou seja, aquele amor que prega que em um determinado momento da vida encontra-se alguém que dê conta de suprir todas as suas expectativas e desejos, que só é possível amar uma pessoa de cada vez, que quem ama só sente desejo sexual por aquela pessoa a vida

inteira, que quem ama não sente desejo sexual por mais ninguém e que os dois se transformariam em um só até que a morte os separe.

Esse ideal amoroso só passou a ser uma possibilidade no casamento a partir do século XIX, pois antes disso os casamentos se davam por interesses econômicos e políticos. A partir de 1940, apareceu como fenômeno de massa, quando todos passaram a desejar casar por amor incentivados pelos filmes de Hollywood (LINS, 2017, p.25).

Entende-se que quando o amor romântico começou a entrar em cena, todo um mito passou a permear as relações conjugais, um ideal de família nuclear passou a ser instituído a partir de então, reforçando cada vez mais os estereótipos de gênero, onde a mulher é tida como a zeladora do lar e da família, aquela que cozinha, passa e cuida dos filhos enquanto o marido sai para trabalhar, já o homem é tido como aquele modelo patriarcal, provedor do lar e macho alfa.

Segundo Perez e Palma (2018) os estereótipos de gênero são, assim, reiterados. Sustentado pelo ideal da família burguesa, o amor romântico fragiliza a mulher e reforça o papel do homem como patriarca. Se os homens passam a ter o direito de escolher sua noiva, as mulheres devem preservar a sua castidade, aguardando ansiosamente, pelo homem que irá salvá-la.

A monogamia de uma forma geral acaba colocando a mulher em um papel hierarquicamente inferior ao homem justamente por esses papéis sociais que são esperados de cada um.

É neste sentido que questionamos quanto a “identidade social” e “papeis” exercem uma mediação ideológica, ou seja, criam uma “ilusão” de que os papéis são “naturais e necessários” e que a identidade é consequência de “opções livres” que fazemos em nosso conviver social, quando, de fato, são as condições sociais decorrentes da produção da vida material que determinam os papéis e a nossa identidade social (LANE, 2006, p. 22).

Toda essa história de monogamia e exclusividade sexual é relativamente recente, antes da chamada sociedade privada há cerca de 5 mil anos, era todo mundo junto, tudo era uma comunidade. Esse é um dos principais motivos dos quais é possível refletir sobre a monogamia como sendo algo natural, isto é, se de fato a monogamia fosse algo natural, seria possível encontrar registros desse tipo de relação desde sempre.

A exigência de exclusividade surgia há aproximadamente há 5 mil anos, com a propriedade privada – “minha terra”, “meu rebanho”. O homem ficou obcecado pela certeza da paternidade porque não admitia correr o risco de deixar a herança para o filho do outro. A mulher só ter relações sexuais com ele era fundamental. A partir de então a esposa passou a ser sempre suspeita, uma adversária que requeria vigilância absoluta. Temendo golpes baixos e traições os homens lançaram mão de variadas estratégias: manter as mulheres confinadas em casa sem contato com outros homens, cinto de castidade e até a extirpação do clitóris para limitar as pulsões eróticas. Punil-as com severidade ou até mesmo matá-las é considerado o exercício de um direito (LINS, 2017, p.89).

O amor romântico juntamente com esse conservadorismo social e sexual está dando sinais de sair de cena com a contemporaneidade e o advento dos meios de comunicação em massa, pela primeira vez em muito tempo as pessoas estão tendo autonomia sobre os seus próprios corpos e podem escolher quem podem ou não amar, fugindo dessa regra de que “amor de verdade só acontece entre duas pessoas”, as pessoas estão podendo explorar as mais diversas formas de se relacionar afetivo e sexualmente com quem elas quiserem. Corroborando com essa afirmação, Lins (2017) afirma que essa nova possibilidade de se experimentar as mais variadas formas de se relacionar se deu por volta dos anos de 1960, com o surgimento da pílula e os movimentos de contracultura feministas, hippies e gays, aliados ao mundo da internet.

O amor romântico está saindo de cena, levando com ele a sua principal característica: a exigência de exclusividade. Com isso, aumenta o número dos que aceitam viver sem um parceiro estável, recusando a se fechar numa vida a dois. Sem a crença de que é necessário encontrar alguém que o complete, surge a possibilidade de variadas opções amorosas (LINS, 2017, p.32).

É curioso as pessoas pensarem que a monogamia é algo natural e inerente ao ser humano, levando em consideração que somos animais e que a grande parte das espécies, em especial os mamíferos, não são monogâmicas. Inclusive, utiliza-se de exemplo os comportamentos dos nossos parentes primatas mais próximos, os macacos Bonobos, que possuem vida sexual ativa com vários parceiros, inclusive do mesmo sexo.

Há fortes evidências de que os seres humanos não são “naturalmente” monógamos, bem como há provas de que muitos animais, que antes acreditávamos serem monógamos, não o são. Certamente, os seres humanos podem ser monógamos (e esta questão é completamente diferente de devem ser), mas não há dúvida, a monogamia é incomum - e difícil (BARASH; LIPTON, 2007, p.11).

E, por mais que ainda exista toda uma questão ética e moral colocando a não-monogamia como sendo inferior a monogamia, não pode-se negar que uma parte considerável das pessoas que se dizem monogâmicas e que fazem parte da famigerada família tradicional nuclear, dão as suas famosas “puladas de cerca” vez ou outra, isto é, as questões que envolvem os desejos afetivos e sexuais das pessoas ainda são muito veladas em nossa sociedade historicamente patriarcal e machista, prefere-se se envolver com outras pessoas de forma velada mesmo estando em um contrato de casamento monogâmico, do que ser sincero com o outro e assumir que é natural sentir atração por outras pessoas e que não há nada de mal em realizar esse desejo.

Se essas inclinações são equivocadas é uma questão difícil e talvez impossível de se responder. Mas, graças aos recentes desenvolvimentos na biologia da evolução, combinados com a mais recente tecnologia, simplesmente não há nenhuma dúvida de que o desejo sexual por múltiplos parceiros é “natural”. Ele é. Da mesma forma, simplesmente não há nenhuma dúvida de que a monogamia é “natural”. Ela não é. (BARASH; LIPTON, 2007, p.12).

Certamente, a cultura monogâmica escancara a mais genuína das hipocrisias que permeiam todo costume que é imposto socialmente por uma sociedade conservadora, isto é, antes de assumir um relacionamento com outra pessoa, não é acordado algum tipo de contrato prévio sobre a configuração daquela relação, fica-se subentendido que a monogamia é uma prática compulsória e natural.

Os conservadores sociais preferem assinalar o que veem como uma ameaça crescente aos “valores familiares”. Mas eles não têm a mais vaga ideia de como essa ameaça é realmente grande ou de onde ela vem. A família monógama está definitivamente sitiada, e nem pelo governo nem pelo declínio da fibra moral, e certamente não por uma ampla campanha homossexual... mas pelos ditames da própria biologia. Os infantes têm a sua infância. E os adultos? O Adultério (BARASH; LIPTON, 2007, p.13).

Entende-se que não se fechar em uma relação monogâmica é encarar os fatos de que ninguém é propriedade de ninguém, isto é, abrir mão de um relacionamento monogâmico é abrir mão de sofrer por expectativas que se deposita no outro e que em suma são espelhos de nossos próprios desejos de querer que o outro seja como o idealizamos.

É importante ressaltar que não existe essa história de certo ou errado quando se fala de monogamia e não-monogamia, todas as formas de se relacionar e de dar

vasão ao seu desejo afetivo/sexual é válida. É importante ressaltar que essas novas formas de se viver os seus desejos estão vindo com tudo no século XXI, nunca se questionou tanto esse modelo padrão de relacionamentos e por isso as pessoas de uma maneira geral estão mais abertas a conhecer o novo, como o poliamor, relação a três, relações livres e tantas outras formas de se relacionar.

3. PSICOLOGIA SOCIAL E AS RELAÇÕES SOCIAIS, COMO APRENDEMOS?

Segundo Lane (2006, pág. 6) “O enfoque da Psicologia Social é estudar o comportamento dos indivíduos no que ele é influenciado socialmente. ”, sendo assim, desde que o sujeito passa a existir, é natural que se tenha alguém para lhe dizer o que se deve ou não fazer, até como uma questão de sobrevivência, então normas são estipuladas desde muito cedo e isso vai do que devemos comer, do que devemos vestir e até de como devemos nos relacionar. A grande questão envolvida na Psicologia do Desenvolvimento é que se tende a replicar para as crianças tudo o que foi aprendido pelos pais (ou figuras paternas) de geração em geração, muitas vezes pautado em questões do senso comum do que seria certo ou errado, acabando assim por condicioná-las.

Sabemos que a aprendizagem é consequência de reforços e/ou punições, ou seja, sempre que um comportamento for reforçado (isto é, tenha como consequência algo bom para o indivíduo), em situações semelhantes é provável que ele ocorra novamente, dizemos então que o indivíduo aprendeu o comportamento adequado para aquela situação. (LANE, 2006, p.7).

Com os relacionamentos afetivos-sexuais não seria diferente, existe essa cultura histórico-social de que se deve escolher somente uma pessoa (do sexo oposto) para passar toda a sua eternidade, tendo que se conformar com o mesmo beijo e o mesmo sexo até que a morte os separe, independente se você vive em um contrato de casamento onde ambas as partes são infelizes, aprendemos que é assim que deve ser.

Quando se trata desses comportamentos afetivos e sexuais, existe uma carga moral muito arraigada a este tema, é como se de fato o sujeito ferisse todo um valor moral se o mesmo decide sair desse padrão limitante heteronormativo que é imposto desde sempre. Muitos desses valores morais sofrem contribuições diretas das religiões e dos dogmas cristãos, reforçado a todo tempo pelos discursos da igreja, isso funciona como um controle social que há séculos surtem efeitos no comportamento das pessoas baseado em uma cultura punitivista.

Na parcela ocidental do planeta, impera como padrão religioso o culto aos preceitos cristãos —seja na sua vertente católica, seja em sua modalidade evangélica. Com o Brasil, não é diferente: cerca de 85% da população brasileira atual declarou ser adepta de religiões cristãs. Como elemento cultural de grande força persuasiva, a religião cristã exerce a função de instituto modelador da visão de mundo do povo brasileiro, influenciando conseqüentemente a adoção de práticas ligadas à sua religião —e, conseqüentemente, a identificar como errôneas quaisquer atitudes que contrariem frontalmente o modo de vida cultural cristão. (ROTONDANO, 2016, p. 89)

Leva-se em consideração toda importância que essas normas tiveram para a evolução da sociedade ao longo dos séculos, porém, a contemporaneidade trouxe consigo o acesso às informações e automaticamente o senso crítico nas pessoas. Especialmente as mulheres começaram a entender que esse papo de monogamia nunca existiu para os homens, é como se a masculinidade trouxesse com ela um passe livre para se relacionar com várias parceiras e parceiros, mesmo ele estando em um contrato de casamento monogâmico, colocando novamente a mulher em um papel de submissão.

É muito comum de se ouvir por aí frases que reforçam esses estereótipos dos papéis de gênero, tais como: “Homem trai mesmo”, “Homem é assim mesmo”, “prendam suas éguas pois meu cavalo está solto”, e observa-se uma dificuldade muito grande em entender que na verdade cada um faz com o seu corpo aquilo o que bem entender, independente das questões de gênero.

Mesmo muita coisa tendo mudado desde a sociedade privada, a cultura de que “homem pode trair” ainda é muito evidente, isto é, não é muito difícil encontrar esposas que perdoam as recorrentes puladas de cerca dos maridos, alegando não querer prejudicar a educação dos filhos e de não querer ferir os valores da família. Já em um contraponto, é muito difícil um homem perdoar a sua esposa pelo mesmo “deslize”, em muitos casos esse desfecho acaba em violência física ou em casos mais extremos, no feminicídio. Podemos perceber que nesses tipos de relações conjugais, a ideia de posse sobre o outro é também bastante evidente.

Podemos observar na sociedade brasileira que, na família nuclear, cabe ao marido e pai o máximo de autoridade, nos casos em que ainda se mantém a família extensa (onde há convivência com tios, avós, etc.) em geral, o máximo de autoridade se concentra nos avós. Da mulher sempre se espera submissão, cabendo a ela apenas um poder relativo sobre os filhos em suas relações cotidianas, ficando a responsabilidade das decisões fundamentais sobre a vida dos filhos, em geral para o pai. (LANE, 2006, p.40).

Para Santos (2019, pág. 64) “Ao nascer, existe uma expectativa social de como a criança deverá se comportar, isso acontece porque os papéis sociais já foram prescritos anteriormente pelos grupos dos quais os indivíduos fazem parte. ”, isto é, desde o momento em que a mulher descobre que vai ser mãe, existe toda uma expectativa com relação ao gênero da criança, para os meninos sempre azul, bonecos de combate e carrinhos, para as meninas, sempre rosa, bonecas e panelinhas.

Pode-se concluir então que a monogamia já faz parte do papel social esperado para aquele sujeito, não dando a opção de o mesmo escolher entre outras diversas formas que existem de se relacionar com o outro. Isto é, como não é nos apresentado outras possibilidades de vivermos os nossos relacionamentos afetivos-sexuais, crescemos com a ideia de que a monogamia é a única possibilidade possível, mesmo sabendo que o desejo por mais de uma pessoa vai existir.

Levando em consideração tudo o que foi dito até o presente momento, é necessário dar a devida importância para os processos de socialização do sujeito, que é fundamental na vida de qualquer um, pois é através dele que se torna possível ressignificar todos esses preceitos que foram impostos a nós desde a infância. Os processos de socialização nos possibilitam quebrar esses tabus que são tão arraigados em nossa sociedade conservadora.

Esta visão única de mundo e de um sistema de valores só irá ser confrontada no processo de socialização secundária, isto é, através da escolarização e profissionalização, principalmente na adolescência, época em que o jovem questiona os outros significados, não por ser uma fase natural, como muitos pretendem, mas porque através de outros laços afetivos e através do seu pensamento e experiências sociais e/ou intelectuais o jovem se depara com outras alternativas, com outras visões do mundo que o levam a questionar que ele construiu como sendo a única possível. (LANE, 2006, p.44).

É bastante comum o estranhamento das pessoas ao ouvirem alguém questionar a monogamia, porque para elas é algo tão natural que não cabe questionamento. Muitos inclusive ousam dizer que quem opta pela não-monogamia é porque “não ama de verdade” e comparam muitas vezes com promiscuidade. Mas mal sabem essas pessoas que, tudo o que elas fizeram durante toda a sua vida é reprimirem um desejo que são inatos aos seres humanos.

Muito se fala dos perigos de uma relação extraconjugal. No Twitter e no Facebook sempre há críticas de quem defende o direito de optar por relações não monogâmicas. “Falta de caráter”, “Canalhice”, “Imaturidade”. E o comentário estereotipado: “Se quer transar com outras pessoas, então não case! ”. Fico imaginando que ideia essas pessoas tem de casamento. Será que para elas o casamento existe só para viver a exclusividade sexual e nada mais? (LINS, 2017, p.107).

Partindo de uma vertente Psicanalítica, já que podemos deduzir que a monogamia faz parte dos inúmeros comportamentos que são impostos a nós desde crianças, entende-se que as pessoas aprendem também a reprimir os seus instintos que seriam naturais, e segundo a Psicanalista Regina Navarro Lins, especialista em assuntos de não-monogamia, alerta que essas repressões dos nossos desejos, podem nos trazer prejuízos.

Quando o desejo por outros parceiros se torna mais imediato, afeta a relação sexual existente no sentido de acelerar o enfraquecimento do desejo sexual pelo cônjuge. A relação sexual torna-se progressivamente um hábito e um dever. A diminuição do prazer obtido pelo parceiro e o desejo de outros se somam e se reforçam mutuamente. Não é possível evitar essa situação ou se iludir por meio de boas intenções ou de “técnicas amorosas”. (LINS, 2017, p.107).

Corroborando com a afirmação da autora, entende-se que as pessoas deveriam valorizar outras questões dentro de um casamento além da exclusividade sexual, como a parceria e a lealdade, por exemplo, que são questões que podem existir dentro das relações independente se existe um contrato de exclusividade ou não. Levando em consideração que a libido um dia acaba, já parceria e lealdade, não necessariamente.

É nessa altura que se manifesta um estado crítico de irritação contra o outro, irritação que, conforme o temperamento de cada um, é exteriorizada ou reprimida. Em qualquer um dos casos, conforme demonstra a análise de situações desse gênero, gera-se e desenvolve-se sem cessar um ódio inconsciente contra o outro, pelo fato de ele impedir a satisfação, frustrar os outros desejos sexuais. Em tal caso, não se tem nenhuma razão pessoal e consciente para odiar, mas sente-se no outro, e mesmo no amor que por ele se tenha, um obstáculo, um peso. (LINS, 2017, p.107).

Que fique claro, portanto, que além de muitos especialistas em assuntos monogâmicos não acreditarem nessa fidelidade vitalícia que o amor romântico prega, muitos deles assumem que é possível sim em raras exceções que os casais

conservadores possam passar toda sua existência sendo fiéis ao seu parceiro, acreditando piamente nas consequências de um adultério.

O Médico e Psicanalista Wilhelm Reich foi um crítico ferrenho aos relacionamentos monogâmicos como uma forma natural, escreveu diversas obras que criticam veementemente esses discursos sobre a monogamia compulsória.

Quem enfiar toda a humanidade na sua própria camisa-de-força por serem incapazes de tolerar nos outros a sexualidade natural. Isso os aborrece e os enche de inveja, porque eles próprios gostariam de viver assim e não conseguem. Nós não queremos forçar ninguém a abandonar a vida familiar, mas também não queremos permitir a ninguém que obrigue aquele que não a quer a aceita-la. Quem pode e quer passar toda a vida como monógamo, que o faça; quem, entretanto, não o pode e talvez se arruíne por causa disso, deve ter a possibilidade de organizar a sua vida de outra forma. No entanto, a organização de uma "nova vida" pressupõe o conhecimento das contradições da antiga. (REICH, 1968, pág. 33)

Fica claro, portanto, que esses valores culturais que as pessoas aprendem desde muito cedo e que ditam como deve-se ou não se relacionar, pautados em vieses cristãos, estão dando sinais de chegar ao fim, contribuindo para que as pessoas vivam as suas sexualidades de forma bem mais autêntica, deixando de reprimir um desejo que segundo a ciência é natural para a raça humana.

4. POLIAMOR E OUTRAS FORMAS DE AMAR

Para que se possa compreender esse universo repleto de pluralidades e de diversidades que envolvem a não-monogamia, é interessante que fique bem claro quais são os termos utilizados para caracterizarem esses relacionamentos. Quando falamos em não-monogamia, estamos falando sobre um leque de possibilidades que as pessoas encontraram e ainda encontram para definir os seus relacionamentos, que fogem do modelo tradicional monogâmico imposto.

A proximidade do homem com as relações não monogâmicas é muito antiga, remontando à época em que a história começou a ser registrada. A mais antiga dessas relações, a poligamia, nos traz o compromisso simultâneo, marcado pelo casamento entre uma pessoa e várias outras de sexo oposto, podendo ser de um homem e várias esposas – Poliandria – ou uma mulher e vários maridos, termo conhecido como poliginia, muito menos frequente. (RAMOS, 2017, pág. 50)

Vale ressaltar que essas configurações de relacionamentos poligâmicos no Brasil são consideradas crimes pelo Código Penal Brasileiro, se caso houver uma oficialização matrimonial entre as pessoas envolvidas.

A maioria das pessoas hoje em dia, possuem apenas um parceiro ou parceira para um relacionamento afetivo-sexual, onde entendemos como um relacionamento monogâmico, isto é, nenhuma das duas partes podem se envolver de forma afetiva e nem sexual com outras pessoas, isso na teoria.

Embora observa-se relacionamentos não-monogâmicos desde a idade média, vale ressaltar que esse é um assunto relativamente recente no campo das pesquisas, por isso, é comum surgirem novos termos a cada dia para caracterizarem os relacionamentos que fujam dessa cultura mononormativa. Frisa-se que não necessariamente um relacionamento poliamoroso vai ser também um relacionamento aberto, como já foi dito anteriormente, depende da configuração que as pessoas envolvidas dão para aquele relacionamento, isto é, quando se trata de relacionamentos abertos, cada um decide o que “aberto” significa.

Abriu um relacionamento não é algo feito por capricho. Não é uma decisão que tomamos no sábado à noite e na sexta-feira seguinte já estamos prontos para executá-la. Muitos casais falam sobre isso, mas não se arriscam a partir para a prática com medo do impacto sobre a própria relação (...). Em outras palavras, abrir um relacionamento pode demandar tempo e energia e requer cuidados para assegurar que decepções sejam evitadas ou adequadamente tratadas. (LINS, 2019, pág. 42)

A palavra Poliamor é utilizada para referir aos relacionamentos que fogem desse viés de amor monogâmico. Os Poliamoristas geralmente definem a partir de um contrato individual de cada relação como as coisas vão funcionar, é importante que todas as pessoas envolvidas estejam cientes do contrato estabelecido e esteja de acordo com eles.

Enfatizando a intimidade em vez de apenas satisfação sexual, o discurso poliamorista procura estar focado na busca da honestidade, do amor e abertura da mesma forma que os relacionamentos monogâmicos, enquanto outras formas de relações não monogâmicas, como o swing e a poligamia buscam tão somente o prazer sexual e a evitação do envolvimento emocional. Dentro deste contexto, os poliamoristas procuram desenvolver uma intimidade emocional, como o compartilhamento de experiências e sentimentos amorosos, além de um conceito de família que tende a criar sentimentos antagônicos nas pessoas que optam por relacionamentos tradicionalmente monogâmicos. (RAMOS, 2017, pág. 51)

Um ponto relevante que os adeptos dos relacionamentos não-monogâmicos ressaltam é que geralmente nesse tipo de relacionamento há mais confiança e parceria, tendo em vista que na maioria dos relacionamentos com essas configurações, não há uma cobrança de exclusividade sexual, ou seja, o respeito à individualidade do outro é muito importante. Observa-se exatamente o oposto nas relações ditas como monogâmicas, a cobrança por uma exclusividade que por muitas vezes o outro não dá conta de suportar, pode acabar por falir em relacionamento conjugal, resultando em relacionamentos extraconjugais.

Frequentemente os estudiosos das relações amorosas produzem o senso comum. Muitos afirmam que as relações extraconjugais ocorrem por problemas na vida a dois – fim do amor, insatisfação, mágoas, ressentimentos, imaturidade, etc. Não ouvi nem li em quase nenhum lugar o que me parece óbvio: Embora haja insatisfação na maioria das relações estáveis, o sexo com outras pessoas ocorre principalmente porque variar é bom, e as pessoas sabem disso. Um relacionamento pode ser plenamente satisfatório, do ponto de vista afetivo e sexual, e mesmo assim buscarmos outros parceiros. (LINS, 2017, pág. 104)

Um mito muito comum que geralmente permeia as relações poliamorosas, é de que as pessoas escolhem esse estilo de vida pelo fato de serem promíscuas, o que obviamente não é verdade, pois quando falamos de Poliamor, estamos falando das mais diversas formas de explorarmos os nossos sentimentos, como o afeto e o amor.

Embora muitas pessoas acreditem que não seria possível amar mais uma pessoa ao mesmo tempo, observa-se exatamente o contrário, isto é, se você é capaz de amar dois filhos ou dois amigos ao mesmo tempo, por que não seria possível amar simultaneamente duas pessoas que você escolheu viver uma relação conjugal?!

Em algum momento, a maioria das pessoas vive a experiência de amor simultâneo a mais de uma pessoa. Além de parentes e amigos, amamos pessoas com quem desejamos um relacionamento afetivo-sexual. Nesses momentos, somos pressionados pela opção obrigatória diante das muralhas culturais, morais e religiosas que se erguem. Mas essa opção vem acompanhada de conflitos e dúvidas. Vários estudos mostram que não existe nenhum tipo de evidência biológica ou antropológica na qual a monogamia é “natural” ou “normal” no comportamento dos seres humanos. Pelo contrário, encontramos evidências suficientes que demonstram que as pessoas tendem a ter múltiplos parceiros sexuais. (LINS, 2019, pág.144)

Diferentemente das relações Poliamorosas, onde as partes envolvidas estão cientes dos possíveis outros relacionamentos em que o seu parceiro ou parceira podem ter, nas relações livres isso geralmente não existe. As pessoas adeptas a esse estilo de vida, prezam pela sua autonomia e liberdade, logo não veem a necessidade de falar e nem pedir permissão para os seus parceiros, sobre com quem elas se relacionam, conforme Regina Navarro Lins explica:

Em princípio, é plena a autonomia sexual e afetiva. Não é necessária a permissão dos parceiros para novas relações. É importante: não há hierarquia entre os relacionamentos principais e secundários. A aproximação se dá por afinidades e propósitos, mais com uns, menos com outros. Espontaneamente. Como nas amizades, há compartilhamentos independentes. É possível viver de várias formas: sozinho, ter múltiplos namoros, amizades coloridas, fazer parte de comunidades afetivas abertas, fazer sexo casual. (LINS, 2019, pág. 161)

Como a liberdade é algo inato aos seres humanos, os relacionamentos livres possibilitam que as pessoas explorem a sua liberdade da forma mais autêntica possível, não tendo que necessariamente dizer ao outro o que faz da sua existência. Por isso é muito importante que todas as pessoas envolvidas estejam cientes desse contrato de relacionamento livre, para que ninguém se sinta frustrado.

As relações livres propõem uma liberdade maior do que outras formas não monogâmicas, que combinam sua liberdade levando em consideração a monogamia. Há uma autonomia plena para se relacionar afetiva e sexualmente com outras pessoas. Esse é o ponto de partida. O mote é amar e permanecer livre. Livre para o flerte, a “ficada” de uma noite, as paixões, o sexo casual, experiências maravilhosas. Sem excluir as relações amorosas,

de longa duração. Cada relação permite uma experiência, todas enriquecedoras da condição humana. (LINS, 2019, pág. 161)

Uma nova forma de viver os relacionamentos afetivos-sexuais que vem ganhando cada vez mais notoriedade, são os trisais. Essa configuração de relacionamento afetivo-sexual também pode trazer bastante liberdade para os adeptos, onde os mesmos também relatam muita parceria e confiança com os outros envolvidos.

Uma das vantagens da tríade, segundo os autores, é que muitos se sentem mais independentes e livres do que quando formam um casal. Isso acontece tanto no nível prático quanto num nível mais sutil. Na prática, se uma pessoa quer passar algum tempo sozinha ou com amigos, ela pode relaxar, pois sabe que os outros dois parceiros dispõem de mais tempo para ficarem juntos. (LINS, 2019, pág. 156)

Porém, vale a pena refletir sobre a cautela que se deve ter ao terceiro entrar em uma relação onde antes já haviam duas pessoas que já se relacionavam, pois, entrar em um relacionamento onde você é a novidade, além de toda a expectativa ser depositada em você, existem mais chances de todas as partes se frustrarem.

Existem mais uma infinidade de outros tipos de configurações de relacionamentos que são descobertos todos os dias por antropólogos, Psicólogos e outros profissionais que pesquisam sobre o tema, mas o mais importante a se entender é que cada ser humano é singular e multifacetado, por isso quando falamos de relacionamentos, não existe uma receita de bolo a ser seguida. É importante salientar também que aos poucos as pessoas estão se permitindo viver experiências que fogem daquele condicionamento clássico que fomos submetidos durante vários séculos, entender que cada um é livre para lidar com o seu corpo e a sua sexualidade da forma que achar melhor para si, independente de gênero e orientação sexual, é o que nos faz ser tão diversos e múltiplos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica bem claro, portanto, baseado nas obras citadas no decorrer deste trabalho que a monogamia nada mais é do que fruto de anos de condicionamento que a sociedade foi submetida, entendendo as regras sociais que foram construídas em prol do patriarcado e que foram reforçadas pela igreja no decorrer dos anos, colocando o homem em um papel privilegiado e superior ao da mulher, reforçando ainda mais os papéis de gênero.

Vale ressaltar que não existe um fator científico em específico que comprove de forma fidedigna se os seres humanos são monogâmicos ou não, o que existe são pesquisas e bibliografias muito renomadas feitas por Psicólogos, Antropólogos e Biólogos que comparam os comportamentos dos seres humanos aos milhões de seres vivos que existem hoje no planeta e que possuem comportamentos não-monogâmicos, e a conclusão que se chega é de que a monogamia não é algo natural.

A Psicologia Social consegue nos mostrar de forma clara e objetiva como somos condicionados pelo nosso meio desde que passamos a existir, e como é importante para a desconstrução e desmistificação desses tabus, o processo de socialização do sujeito, pois é a partir desse processo de socialização que o sujeito passa a compreender qual é o seu papel no mundo, vivendo de forma plena a sua autenticidade, aprendendo a não reprimir os desejos e pulsões que são naturais e inatos para a maioria dos seres vivos.

Pela primeira vez na história, as pessoas podem viver as suas subjetividades afetivas e sexuais como nunca antes visto, nota-se que o século XXI foi muito influenciado pelos movimentos de contracultura Gay, Feminista e Hippie, e isso permite que as pessoas voltem os olhos para si e passam a se enxergar como sujeitos livres e capazes de experimentar as mais diversas formas de se relacionar com o outro.

Com os comportamentos monogâmicos saindo de cena, como sugerem alguns autores citados no presente trabalho, saem de cena também os sentimentos de posse que as pessoas pensam ter sobre as outras, isso também reduzirá majoritariamente os assassinatos que ocorrem todos os dias motivados por ciúmes, por pessoas que simplesmente acham que o outro é sua propriedade.

REFERÊNCIAS

- BARASH, David P, LIPTON, Judith Eve. **O mito da monogamia: Fidelidade e infidelidade entre pessoas e animais.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.
- LANE, Silvia T. Maurer. **O que é Psicologia Social.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.
- LINS, Regina Navarro. **Novas Formas de amar.** São Paulo: Editora Planeta, 2017
- PEREZ, Tatiana Spalding, PALMA, Yáskara Arrial. **Amar Amores: O poliamor na contemporaneidade.** Porto Alegre: **Centro Universitário FADERGS – Faculdade de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul,** 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010271822018000100208&script=sci_abstract&tlng=pt
- RAMOS, Maria Juceli de Carlos Ramos. **Relações não monogâmicas: A análise de Compersion na relação poliamorosa.** Santa Catarina. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, 2017.
- REICH, Wilhelm. **A Revolução Sexual.** Rio de Janeiro. Zahar Editores S.A, 1968
- ROTONDANO, Ricardo Oliveira. **Cultura e ética na formação familiar: A poligamia e a sua repressão no ocidente.** Barcelona: **Revista de Bioética y Derecho – Universidade de Barcelona,** 2016. Disponível em: https://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1886-58872016000300007
- SANTOS, Mayra Campos Frâncica dos Santos. **Psicologia Social.** Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A, 2019.